

## MÚSICA PARA OS SUJEITOS SURDOS: EXPRESSIVIDADE E PARALINGUAGEM

Vivian Gonçalves Louro Vargas<sup>1</sup>

Alexandre Melo de Sousa<sup>2</sup>

Lucas Vargas Machado da Costa<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo busca mostrar como a música é sentida pelos surdos. Inicia-se relatando a estranheza de pessoas ouvintes no princípio de seu contato com as pessoas surdas ao perceber o interesse delas pela música. Enfatiza que eles têm uma forma de apreciá-la diferente daqueles que ouvem, necessitando do profissional tradutor/intérprete de língua de sinais para compreender o objeto por ela abordado, utilizando-se de marcas não manuais para transmitir a expressividade inerente à música. Analisa-se quem é este profissional e a importância de seu trabalho para a inserção e participação do surdo na sociedade. Para exemplificar a diversidade de percepções da música por surdos e ouvintes, é mencionado o filme “A família Berlier”, mostrando a diferença da experiência de uma família em relação à música, sendo que três de seus membros são surdos e um ouvinte.

**Palavras-chave:** Língua de sinais; Música; Surdo; Tradutor/Intérprete.

### ABSTRACT

The article aims to show how music is felt by the deaf. It begins by relating the strangeness of listeners people, at the beginning of her contact with deaf people when she perceives their interest in music. It emphasizes that they have a way of appreciating it differently from those who listen, needing the professional sign language interpreter/translator to understand the object addressed by it, using non-manual marks to transmit the expressivity that exist on music. It is analyzed who this professional is and the importance of his work for the insertion and participation of the deaf in society. To exemplify the diversity of perceptions of music by deaf people and listeners, the

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC); especialista em Tecnologia Assistiva, Comunicação Alternativa e Libras; Graduada em Letras / Inglês (2004) e Pedagogia (2009). Atuou como Tradutora/Intérprete de Língua Brasileira de Sinais em escolas do Ens. Fundamental e Médio. Tem experiência na área de Educação. É Professora da área de Libras da Universidade Federal do Acre (UFAC).

<sup>2</sup> Graduado em Letras, Especialista em Ensino de Língua Portuguesa, Mestre em Linguística Aplicada ao Português e Doutor em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará. Professor adjunto da Universidade Federal do Acre. Coordena o Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (Projeto ATAQB). É professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), atuando na área de Descrição e Análise Linguística.

<sup>3</sup> Graduado em Pedagogia; especialista em Libras - Agente Bicultural; graduando de Letra Libras. Certificação de Proficiência no uso e ensino de Libras - Nível Médio - Ministério da Educação. Atuou como professor de Libras nas redes Municipal, Estadual e Federal, e em cursos particulares. Atua como Professor Substituto do Magistério Superior na Universidade Federal do Acre na área de Libras e no Centro de Estudo de Línguas.

movie "The Berlier family" is mentioned, showing the difference of the experience of a family in relation to music, with three of its members being deaf and a listener.

**Keywords:** Sign language; Music; Deaf; Translator / Interpreter.

## Introdução

Causou-nos estranheza quando começamos a ter contato com a comunidade surda e fomos convidados para ir a uma festa em comemoração à fundação da Associação dos Surdos de Juiz de Fora (MG) e nos deparamos com dança, som e música. Em nosso limitado entendimento, nos perguntamos: de que forma os surdos podem apreciar música e dança, se eles não escutam? Neste primeiro contato, nos limitamos a observar admirados, pois não tínhamos conhecimento de língua de sinais para questioná-los como isso seria possível.

Em outro momento, em outra festa com vários surdos, nos deparamos com caixas de som, em volume altíssimo, e eles, mais uma vez, dançavam acompanhando a vibração da música. Novamente ficamos surpresos. Perguntamos a alguns ouvintes que tinham conhecimento de Libras e tinham contato com a comunidade surda e nos disseram que eles sentem a vibração, a batida da música e por isso é possível dançarem.

Como destaca Barreto (2008) “Dançar... um dos maiores prazeres que o ser humano pode desfrutar. Uma ação que traz uma sensação de alegria, de poder, de euforia interna e, principalmente, de superação dos limites dos seus movimentos” (BARRETO, 2008, p.1), não podendo ser diferente para os surdos. Sendo assim, a partir do contato e maior familiaridade com a comunidade surda, notamos recorrência da música e da dança entre eles. Pudemos, então, observar sua importância e relevância no convívio social dos surdos.

É importante enfatizar que, quando se questiona o que é a música, há grande dificuldade em defini-la, visto ser complexo delimitar seu conceito. Haguiara-Cervellinia (1986) define como “a parte dos sons, constituída na sua estrutura, pelo ritmo, melodia e harmonia e que funciona como instrumento de comunicação sonora não-verbal, desencadeando e permitindo a expressão de sentimentos, ideias e movimentos” (HAGUIARA-CERVELLINI, 1986, p.121).

Leinig (2009) destaca que “[...] a música fez parte de todos os períodos pelos quais passou a humanidade, sendo considerada também como uma parcela desse fluir contínuo e ininterrupto de fatos e eventos ocorridos que marcaram a vida dos nossos

antecessores” (LEINING, 2009, p.37). Portanto, ela faz parte da vida do ser humano, tanto em momentos de diversão, como para acalmar e até curar diversos males, marcando também a vida dos surdos. Chega-se então à questão: Como a música é percebida, sentida pelos sujeitos surdos, visto o usual, pela maioria da população, que é ouvinte, é apreciá-la utilizando o canal auditivo?

Vale destacar que estas pessoas, apesar de sentirem a vibração do som, não conseguem identificar o que está sendo abordado na música, ou seja, sua letra. Para que isso ocorra é preciso a atuação de um profissional, auxiliando neste entendimento. O tradutor/intérprete sinaliza a letra da música para o surdo e a apresenta, podemos assim dizer, como uma poesia.

Para adentrarmos nesta questão é pertinente discutir, a princípio, quem é o sujeito surdo e quais suas características. Na sequência, pondera-se sobre o profissional tradutor/intérprete de língua de sinais e sua importância, destacando características das línguas visuais que são fundamentais para o entendimento, neste caso, das músicas pelas pessoas surdas.

## **Sujeito Surdo**

Sacks (1989) esclarece que o termo “surdo” é muito abrangente, pois, vários são os níveis de surdez. Há os sujeitos que têm dificuldade para ouvir, os gravemente surdos e os profundamente surdos. O foco deste artigo são estes últimos, visto necessitarem da língua de sinais para que ocorra real comunicação.

Além do grau da surdez, outra questão importante a ser observada é a idade em que se iniciou a perda auditiva, pré-linguística, antes da aprendizagem de uma língua, ou pós-linguística, pois isso intervém na aquisição da linguagem, influenciando na maneira como estas pessoas compreendem o que ocorre na sociedade. De acordo com a idade em que a pessoa fica surda, ela tem competência para compreender a essência da língua; já assimilou naturalmente a fala, conhece como as palavras são pronunciadas, a sintaxe, expressões idiomáticas, entre outros; tem a base de um vocabulário que, com a leitura, pode ser aprimorado. Isso interfere, também, na experiência musical do sujeito.

Um exemplo de surdo pós-linguístico, ou seja, pessoa que ficou surda após já ter adquirido uma língua, é a do compositor alemão Ludwig Van Beethoven (1770-1827). Segundo Montezuma (2005), aos 28 anos, quando já era um conceituado

compositor, perdeu a audição devido a uma doença degenerativa. Porém, a surdez não o impediu de continuar produzindo suas obras e ser um dos mais importantes compositores de todos os tempos, visto já haver existido experiência musical anterior.

De acordo com o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, em seu artigo segundo, é considerada pessoa surda “[...] aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras”. Fazendo uma análise de quem é a pessoa surda, pode-se averiguar que sua forma de se relacionar e compreender o mundo ocorre de uma maneira diferente da que se verifica em pessoas ouvintes, ou seja, o surdo utiliza de outro canal para realizar esta interação. Portanto, sua relação com a música e a forma como a compreendem são diferenciadas, dependendo de um canal visual. O recurso utilizado é o da tradução/interpretação, feita pelos tradutores/intérpretes de língua de sinais.

A música exerce poder sobre os surdos através das experiências corporais e emocionais, ajudando-os na construção de sua identidade. Por isso, de acordo com Hagiara-Cervellini:

Experiências musicais gratificantes na infância podem ser a pedra inaugural para o ser musical do surdo e constituir elemento inestimável para a sua formação, o desenvolvimento de sua sensibilidade e uma vida mais saudável e feliz. Isso mostra a importância de propiciar a música de forma mais lúdica e prazerosa na infância, para que a criança possa se apropriar dela sem reservas. (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p. 204).

Para o autor, é fundamental que desde criança o surdo tenha vivências com a música, levando-se em consideração que ela não é apenas para quem ouve, mas para quem vive e sente: “[...] o corpo atua também como um ‘portador da linguagem’ através de seus movimentos que são elementos integrantes da comunicação (gestos, atitudes, mímica)” (HAGUIARA-CERVELLINI, 1986, p.20).

É importante ter claro que o auxílio linguístico do sujeito surdo na comunicação com o mundo ouvinte se dá por meio da atuação do tradutor/intérprete de língua de sinais. Na sequência, analisa-se este profissional e sua colaboração no contato dos surdos com a música, expondo algumas estratégias por ele utilizadas nesse processo.

## Tradutor/intérprete e as línguas de sinais

Traçar as origens desse profissional não é tarefa fácil, visto a precariedade das fontes, os registros e os documentos sobre o assunto. Pereira (2008) esclarece que:

Historicamente não é possível rastrear o exato momento em que os intérpretes começaram a atuar, mas é plausível imaginar que desde que povos de diferentes línguas mantiveram contato houve, também, a necessidade de intérpretes. No caso das pessoas surdas, existem hipóteses de que a interpretação surgiu no meio familiar foi, aos poucos, se estendendo aos professores de crianças surdas e ao âmbito religioso. Com o passar do tempo, o fortalecimento dos movimentos sociais e políticos das comunidades surdas e o reconhecimento legal das línguas de sinais surgiu, finalmente, o ILS<sup>4</sup> profissional. (PEREIRA, 2008, p.138).

A trajetória da grande maioria destes profissionais tem início devido ao contato existente com familiares surdos ou amigos, normalmente, conhecidos nas igrejas ou escolas. Na maioria das vezes, iniciam nesse caminho sem perceberem, a princípio auxiliando os conhecidos em situações corriqueiras e emergenciais do dia a dia.

O profissional tradutor/intérprete de Libras, cuja profissão foi regulamentada em 2010, teve suas competências discriminadas na Lei nº 12.319, em seu segundo artigo “O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa”, ou seja, cabe a ele mediar a comunicação entre surdos e ouvintes, inclusive, no que tange este artigo, traduzir/interpretar as letras das canções para que as pessoas surdas conheçam seu conteúdo. Ainda de acordo com Pereira (2008):

O processo de tradução recebe muitas designações: reformulação, retextualização, conversão, transformação, e o tradutor ora é encarado como um mero reproduzidor de textos, uma espécie de adaptador de voltagem entre línguas, ora alça a posição de co-autor. (PEREIRA, 2008, p. 137).

---

<sup>4</sup> ILS – Intérprete de Língua de Sinais.

Este processo é extremamente complexo, visto o intérprete ter que se fazer ausente, mesmo estando presente, buscando ser o mais neutro possível, suprimindo as necessidades comunicativas. Como explica Wilcox e Shafer:

Modelos de interpretação têm se desenvolvido ao longo dos anos desde uma primeira visão na qual o intérprete era visto como um transmissor passivo de informação tal qual um telefone, até uma concepção moderna em que o intérprete é visto como um facilitador da comunicação ou um especialista bilíngue-bicultural encorajado a reconhecer sua função ativa. (WILCOX; SHAFFER, 2005, p.27).

É preciso que o intérprete tenha conhecimento da língua da qual a mensagem se origina, em seguida, após seu entendimento, faz-se uma análise de seu significado, realizando assim, na língua alvo, a codificação.

Ocorre de forma satisfatória a comunicação caso o intérprete tenha conhecimento das técnicas interpretativas, da língua oral e da língua de sinais, pois esta é “[...]completa, capaz de expressar não só cada emoção, mas também cada proposição e de permitir a seus usuários discutir qualquer assunto, concreto ou abstrato, de um modo tão econômico, eficaz e gramatical quanto a língua falada.” (SACKS, 1989, p.33)

A música/melodia, seu ritmo e letra, podem ser repassados de forma satisfatória aos surdos, pois as línguas visuais espaciais dispõem de recursos para que isso ocorra. Entre eles, destaca-se, como fundamental neste processo, o uso das expressões faciais e corporais. De acordo com Quadros (2004), elas constituem a gramática da língua, tendo funções linguísticas, apontando construções sintáticas como perguntas e tópicos, tendo papel de advérbio e quantificando, contribuindo para que a comunicação seja adequada.

Faz-se fundamental destacar que, devido às diferenças de estrutura da língua oral para a língua visual espacial, não é possível traduzir palavra por palavra. Importante também enfatizar que um mesmo sinal pode possuir diferentes significados, dependendo do contexto no qual está sendo utilizado. O processo de tradução/interpretação é muito abrangente e requer desde conhecimento da língua de sinais, sua gramática e cultura surda e também o da língua oral dominante no país, no caso do Brasil, o português.

Portanto, a função deste profissional é extremamente complexa e, ao mesmo tempo, essencial para o repasse de informações e o aprendizado dos surdos. O conhecimento das línguas e a escolha adequada de estratégias facilitam ou não o processo educacional e o acesso dos surdos ao conhecimento.

De acordo com a pesquisadora Oliveira (2014) “[...] na educação de surdos, o uso do teatro, ou de recursos teatrais, durante a interpretação de uma música pode ajudar a desenvolver o sujeito surdo social e cognitivamente” (OLIVEIRA, 2014, p.11). Cabe, dessa forma, ao intérprete não apenas sinalizar, mas mostrar como todo seu corpo e através de expressões as emoções passadas pela música, sendo o mais fiel possível e colaborando para que o surdo vivencie a canção.

Convém, portanto, discutirmos, ainda que panoramicamente, a respeito da expressividade e da paralinguagem, uma vez que, como foi exposto até aqui, a expressividade (que compõe, como veremos, as atividades comunicativas não verbais) é de suma importância para a transmissão e a interpretação pelo sujeito surdo das ideias transmitidas e contidas numa música.

## **A expressividade e a paralinguagem**

É necessário reconhecer que a língua, vista da esfera afetiva, está a serviço do homem de maneira espontânea. No entanto, como destaca Bally (1951), está exposta a uma gama de elementos expressivos que são passíveis de serem descritos e analisados. A expressividade, para ele, deve ser estudada tendo em vista os “fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade” (BALLY, 1951, p. 16).

Para Guirraud (1970), por exemplo, “a expressão é a ação de manifestar o pensamento por meio da linguagem”. E isso é possível porque “a língua é composta de formas (tempos de verbos, plurais e singulares), de estruturas sintáticas (elipse, ordem das palavras), de palavras que são outros tantos meios de expressão” (GUIRRAUD, 1970, p.70). O autor complementa que:

O estudo da expressão sobrepõe-se à língua e ao pensamento, à lingüística de um lado e de outro à psicologia, sociologia, à história, etc. há uma gramática da expressão, que é como uma

fisiologia em relação à anatomia constituída pela gramática descritiva tradicional (GUIRAUD, 1970, p. 70).

Assim, podemos ter expressividade em todos os níveis de linguagem: fonológico, morfológico, sintático, textual etc. Aqui nos cabe um questionamento: mas apenas na materialidade verbal é possível encontrar expressividade? Uma vez que a tradução/interpretação do intérprete requer marcas não manuais (MNM), como se dá a expressividade?

Inicialmente, é necessário explicar o que vem a ser a paralinguagem. Felipe (2013, p. 72) explica que a paralinguagem constitui “[...] todas as atividades comunicativas não-verbais que complementam a comunicação vocal”, tendo em vista nosso interesse neste texto, as atividades comunicativas serão verbo-visuais, uma vez que constituem a formação do enunciado.

[...] é possível descrever as expressões afetivas, que são paralinguísticas, e as expressões verbo-visuais gramático-discursivas, porque esse componente suprasegmental precisa ser analisado para uma melhor compreensão do enunciado enquanto comunicação social. (FELIPE, 2013, p. 72).

Ora, tomando a atividade de tradução/interpretação, temos que considerar que a atividade vai muito além da mera reprodução do texto musical por meio de sinais. Os sentimentos advindos e possíveis do conteúdo musical serão expressos do locutor para o interlocutor por meio de vários recursos:

[...] através de gestos e postura corporal, das expressões faciais e do olhar, sendo possível apreender estados e sensações como, por exemplo: alegria, tristeza, angústia, insegurança, dúvida, ironia, surpresa [...] que são atitudes comportamentais. (FELIPE, 2013, p. 74).

Há que se considerar, ainda, que as expressões, segundo a autora, são muitas vezes involuntárias e podem acontecer separadamente do enunciado – o que não impedirá de serem identificadas pelo interlocutor e apreendidas cognitivamente no estabelecimento da interação. Desse modo, pode-se entender que os processos de significação linguística e de expressividade, para a percepção interpretativa do sujeito surdo, através do conforto linguístico proporcionado por meio do trabalho do



tradutor/intérprete, são sequenciais e simultâneos, e possibilitam identificar e interpretar a musicalidade, por exemplo, através de marcas não manuais. Sobre esse aspecto, ilustramos nosso texto com a descrição do filme “A família Berlier”, a seguir.

## **“A família berlier” – o filme**

O filme francês “A família Berlier”, lançado em 2014, conta a história de uma família composta por 4 pessoas, sendo os pais, François Damiens e Karin Viard, e dois filhos, um rapaz e Paula. A garota, de 16 anos, é a única ouvinte da família, sendo responsável por, além de cumprir com suas obrigações de estudante, trabalhar no sítio, acompanhar os pais na feira para vender o que produziam e mediar a comunicação da maioria dos momentos entre seus pais e irmão e os ouvintes da pequena cidade onde residiam.

Tudo transcorria de acordo com a rotina na qual estavam acostumados até que Paula entra para o coral da escola e seu professor descobre o grande talento dela para a música. A princípio, participa de uma apresentação na instituição, sendo muito aplaudida. Porém, como sua família era composta por surdos e não havia interpretação em sinais, não tiveram dimensão do dom da filha.

Depois dessa apresentação, seu professor a convida para se inscrever em um concurso para entrar na escola de música de Paris. Paula começa a ensaiar escondida da família, com receio de que não aceitassem sua participação na seleção. Quando os pais descobrem que ela está estudando música ficam muito nervosos e param de conversar com ela. Por serem surdos e nunca terem tido experiência musical, não compreendiam a importância e grandiosidade do que estava acontecendo e não percebiam a grande chance que Paula estava tendo.

Em um primeiro momento, devido aos conflitos com a família e ao fato dela ser a mediadora da comunicação dos pais com a sociedade, inclusive na campanha política da qual o pai estava participando, a moça desiste de seu sonho. Porém, vendo a tristeza da filha, o pai procura entender o que aquilo significava, tendo uma cena do filme na qual ele pede à Paula que cante e coloca a mão para sentir a vibração de suas cordas vocais.

Compreendendo a importância daquilo para a filha, os pais a encorajam a participar da avaliação em Paris. Durante a apresentação, Paula canta brilhantemente e

seus pais se emocionam quando ela começa a interpretar a canção em língua de sinais. Naquele momento compreenderam o que estava acontecendo, havendo muita comoção.

Como tal, o processo de tradução é considerado como ocorrendo em um contexto situacional/ cultural que é, em si mesmo, parte integrante do processo e que deve ser considerado a fim de se construir uma ponte, de forma significativa, sobre a lacuna que separa o emissor do público receptor. (ARJONA *apud* ROY, 1993, p.36).

Percebe-se claramente, nesta história, que os surdos, devido à falta de experiências positivas anteriores, têm certa resistência à música, pois se tem na sociedade o discurso de que apenas quem escuta a pode apreciar. Porém, a partir do momento em que a língua de sinais passa a ser utilizada todas as barreiras são derrubadas, havendo compreensão e emoção.

Destaca-se, no filme, as marcas não manuais percebidas na tradução/interpretação da personagem principal, no momento em que pretende fazer-se entendida pela família. A musicalidade ultrapassa a simples transmissão verbal. As marcas não manuais compõem um jogo interacional em que a produção verbal (sinalizada) associada ao grupo de movimentos corporais, facial-gestual, de olhares conseguem atingir seus interlocutores, inclusive, transmitindo a carga expressiva inerente à música. Assim, produção e recepção tornam-se possíveis. A comunicação é estabelecida. A música é sentida.

## **Considerações finais**

A partir do que foi exposto, percebe-se que, ao contrário do discurso social, os surdos podem, sim, ter experiência musical, experiência essa que contribui grandemente para a formação de sua identidade e vida em sociedade. Porém, a forma como eles vivenciam a música é diferenciada, sendo através da vibração, do corpo, das expressões faciais e corporais e da língua de sinais.

Destaca-se a grande importância dos profissionais tradutores/intérpretes de língua de sinais, pois a comunidade surda sente-se amparada por eles, visto estes lhes proporcionarem a comunicação em língua de sinais e possibilitarem aos surdos a participação social. Estes profissionais são responsáveis pela comunicação, detendo

certo poder, por isso, é fundamental que tenham boa formação. Como destacam Wilcox e Shaffer “(...) a comunicação e, portanto, a interpretação são processos ativos de construção de significados baseados na evidência fornecida pelos interlocutores” (WILCOX; SHAFFER, 2005, p.27).

Verificou-se, ainda, que em toda interação há expressividade e que esta, no caso da interação estabelecida por meio da música, por exemplo, se concretiza por meio de marcas não manuais: expressões faciais, gestos e movimentos de corpo, quando o interlocutor for um sujeito surdo.

Finaliza-se enfatizando que a música é para todos, tendo cada um o direito de admirá-la e vivenciá-la de acordo com suas possibilidades e vontades, sendo essa importante, sim, na vida social dos surdos e interferindo em seu desenvolvimento.

## Referências

BALLY, Charles. **El lenguaje y la vida**. Buenos Aires: Losada, 1951.

BARRETO, Débora. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

BRASIL. Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em 21 de janeiro de 2017.

BRASIL. Lei nº. 12.319, de 1º de setembro de 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm). Acesso em 22 de janeiro de 2017.

FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. In: **Bakhtiniana**. São Paulo, 8 (2): UPE, 2013.

GUIRAUD, P. **A estilística**. São Paulo: Editora MestreJou, 1970.

HAGUIARA-CERVellini, Nadir da Glória. **A musicalidade do Surdo: representação e estigma**. São Paulo: Fecho Editora, 2003.

LEINING, Clotilde Espínola. **A música e a ciência se encontram: um estudo integrado entre a música, a ciência e a musicoterapia**. Curitiba: Juruá Editora, 2009.

MONTEZUMA, Marcos. **Aprendendo a ouvir música clássica**. Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora LTDA, 2005, p. 93-5.

OLIVEIRA, Hilka Cibelle da Cruz. **O desenvolvimento do sujeito surdo a partir da música.** Revista Virtual de cultura surda. Edição Nº 14 / Setembro de 2014. Ed. Arara Azul.

<http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/revista/edicoes-revista/edicao-14>.

Acesso em 21 de janeiro de 2017.

PEREIRA, M.C.P. **Interpretação interlíngua:** As especificidades da interpretação de língua de sinais. Cadernos de Tradução XXI, Vol. 1, p. 135-156. Florianópolis: UFSC, PGET, 2008.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua brasileira de sinais:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROY, C. B. **Interpreting as a Discourse Process.** New York: Oxford University Press, 2000.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SHAFFER, B.; WILCOX, S. Towards a cognitive model of interpreting. In: **Topics in Signed Language Interpreting:** theory and practice. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.